



## PERCEPÇÃO DAS ALUNAS DO CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO DO IFMG - CAMPUS BAMBUÍ SOBRE A TEMÁTICA DE GÊNERO NO CURSO

PEDROSA, Taciana Renata Souza<sup>(1)</sup> e; COSTA, Taís Rodrigues da<sup>(1)</sup>; ELIAS, Matheus Barbosa<sup>(1)</sup>; HEITOR, Nathan da Silva<sup>(1)</sup>; NICOLAU, Karla Alessandra<sup>(1)</sup>; COSTA, Rosemary Pereira<sup>(1)</sup>.

<sup>(1)</sup>Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) - Campus Bambuí

### RESUMO

Este estudo objetivou identificar a percepção das alunas do curso de Bacharelado em Administração do IFMG - Campus Bambuí sobre a abordagem de gênero no curso. Tratou-se de um estudo de caso de caráter qualitativo e descritivo, realizado por meio da aplicação de questionários. A tabulação dos dados foi feita por meio de planilha do Excel, e os resultados, analisados com embasamento no referencial bibliográfico. Constatou-se que o tema gênero é tratado de forma pouco abrangente e que algumas das alunas percebem a existência de preconceito dentro da Instituição. Concluiu-se que é importante que haja uma abordagem mais significativa do tema no curso.

**Palavras-chave:** Gênero, patriarcado, Administração.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetivou identificar a percepção das estudantes do curso de Bacharelado em Administração do IFMG - Campus Bambuí em relação à forma como é abordada a temática de gênero no curso.

Este estudo se faz relevante no meio acadêmico por buscar entender as transformações pelas quais têm passado os sujeitos sociais e também porque existem poucos estudos sobre as relações de gênero nas organizações, em especial, nos ambientes educacionais. Espera-se também incentivar o desenvolvimento de mais pesquisas relacionadas às questões de gênero no curso de Administração, com o intuito de contribuir com a formação de novas visões sobre as relações entre homens e mulheres no mundo do trabalho, entre os futuros administradores.

Para essa análise, precisamos compreender o conceito de gênero e o papel da universidade na reprodução de formas naturalizadas de pensamento sobre esse tema. Scott (1986, p.21) defende que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Corroborando essa ideia, Marimón (1999 *apud* MARTINS, 2017, p.129) afirma que “a discriminação da mulher começa muito cedo, com a interiorização de padrões de conduta diferenciados”, que organizam, inconscientemente, ações e pensamentos, sendo, por isso, difíceis de serem modificados.

Martins (2017) aponta o papel, muitas vezes, reprodutor que as escolas assumem em relação a essa questão. Nelas, são estabelecidos aos homens e às mulheres condutas e papéis sociais



opostos, reafirmando a hierarquização do valor humano, que é compreendida como natural para justificar as desigualdades e difundida por valores patriarcais arraigados à sociedade.

Em relação ao nível superior, Bourdieu (1999 *apud* CARVALHO, 2006) afirma que, apesar da inexistência de barreiras formais ao acesso das mulheres a qualquer curso superior, as próprias instituições de ensino perpetuam a sexualização da carreira a partir da ordem de gênero: por um lado, a cultura acadêmica tradicional incentiva o ingresso das mulheres à instrução; por outro, reproduzem o sexismo presente na sociedade ao atribuírem, por exemplo, as habilidades necessárias à área de Ciências Exatas ao perfil masculino.

No entanto, apesar do sexismo ainda presente no meio acadêmico, percebe-se que as mulheres têm um desempenho bastante positivo nesse espaço. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, entre a população brasileira com 25 anos ou mais, havia 16,9% de mulheres com ensino superior completo, enquanto, entre os homens, esse percentual era de 13,5%.

Esse fenômeno pode ser percebido também nos cursos de Administração, que, de acordo com o Resumo Técnico do Censo da Educação Superior (2015), figura como o segundo curso de graduação em número de matrículas, com 766.859 matriculados, sendo 56,1% delas efetuadas por candidatas do sexo feminino. Em relação ao número de ingressantes anualmente, este curso aparece como o primeiro colocado, com 267.013 novos alunos, dos quais 54,7% são do sexo feminino. A Administração também vem em primeiro lugar como o curso com maior número de concluintes - 124.986 alunos - dentre eles, 58,8% são representados por alunas (INEP, 2018).

A presença majoritária das mulheres nos cursos de Administração pode contribuir para a construção de lideranças formais, capazes de proporcionar transformações sociais e organizacionais. Peñaloza, Diógenes e Sousa (2008) defendem que a inserção da mulher no mercado de trabalho e o seu acesso ao ensino superior têm contribuído para a mudança da natureza dos papéis tradicionalmente atribuídos a ela, influenciando suas escolhas profissionais.

## **2 METODOLOGIA**

Após a identificação do problema e o objetivo da pesquisa, optou-se por um estudo de caso, de cunho qualitativo e descritivo. Para Godoy (1995), “o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”. Trata-se de um estudo fundamentado por uma pesquisa bibliográfica com fontes primárias. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, aplicado nos dias 14 e 15/05/2018. Dentre as 120 alunas matriculadas no curso de Bacharelado em Administração do IFMG - Campus Bambuí, obteve-se um número de



setenta e quatro (74) respondentes, e um (1) aluno que também pediu para participar (amostra aleatória por acessibilidade). A tabulação dos dados foi feita por meio de planilha do Excel, e os resultados, analisados com embasamento na pesquisa bibliográfica.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos questionários aplicados às alunas do curso de Administração, observaram-se os seguintes resultados: em relação à cor ou raça, 51,35% declararam-se como brancas; 33,78%, como pardas; 12,16%, como negras; e 2,7%, como amarelas. No que diz respeito ao estado civil, 98,65% afirmaram-se solteiras, e 1,35% escolheram a opção “outros”, especificando que seu estado civil é “namorando”. Em relação à faixa etária, 85,15% encontram-se entre 18 e 26 anos; 13,51%, entre 26 e 34 anos; e 1,35%, entre 34 e 42 anos, não havendo participantes com idade acima de 42 anos. No que tange à situação financeira, 50% declararam que trabalham, entretanto são dependentes de ajuda financeira; 29,73% informaram que não trabalham, possuindo como fonte de renda a ajuda financeira da família; e 20,27% afirmaram que trabalham e são independentes financeiramente. Quanto ao período que estão cursando, 28,38% encontram-se no sétimo; 27,03%, no primeiro; 25,68%, no quinto; e 18,92%, no terceiro. A partir dessas informações, percebe-se que o perfil predominante entre as entrevistadas corresponde a aluna branca, solteira, com idade entre 18 e 26 anos, que trabalha, mas necessita de ajuda financeira, e cursa o sétimo período do curso de Bacharelado em Administração.

Quando questionadas sobre o que é gênero, 41,89% atribuíram ao termo o significado de identidade de gênero, que, segundo Menezes, Brito e Henriques (2010, p. 247), diz respeito à “forma como um indivíduo se percebe e se classifica como masculino ou feminino”; 21,62% afirmaram tratar-se de sexo biológico, ou seja, as características anatômicas seriam a base para a definição de gênero. Dentre as respondentes, 10,81% apresentaram a definição de gênero como questão social, ou seja, quando se estabelecem papéis sociais masculinos e femininos; 6,76% relacionaram o termo à orientação sexual; 14,86% não responderam; e 4,05% apresentaram outros tipos de definição, sendo estes não específicos ao tema estudado.

Ao serem indagadas se o curso trata de forma abrangente as questões relacionadas a gênero, 67,57% responderam que não; e 32,43% que sim, o que aponta que, apesar de uma maior adesão das mulheres ao curso de Administração nos últimos anos, como demonstrado pela literatura, o curso em análise não tem uma abordagem relevante acerca da temática de gênero na Administração. Elas observaram, ainda, presença mais significativa de estudantes do sexo feminino no curso (94,59%), enquanto 5,41% notam uma maior existência de discentes do sexo masculino.



Quando questionadas a respeito de considerarem algumas disciplinas mais fáceis para homens ou mulheres, 94,59% afirmaram que não percebem essa diferenciação, e 5,41% responderam afirmativamente. Entre estas últimas, 50% apontaram a disciplina de Administração da Produção e Serviços como mais fácil para os homens; 25% mencionaram que as disciplinas da área de Ciências Exatas são mais fáceis para os homens, e as da área de Ciências Humanas, mais fáceis para as mulheres; e 25% não relataram quais disciplinas consideram mais fáceis para cada sexo. As respostas evidenciam a existência de uma visão sexista, mesmo que em pequenas proporções (Bourdieu, 1999 *apud* Carvalho, 2006).

A maioria das entrevistadas (58,11%) tem a percepção de que é abordado o tema das mulheres no mercado de trabalho no curso, enquanto 41,89% não concordam. No entanto, quando questionadas sobre a abordagem, no curso, da visão que o mercado de trabalho tem da mulher na Administração, 58,11% declararam não perceber, e 41,89% responderam que este tema é discutido. Apesar da contradição nas respostas, fica evidente que o tema não é tratado de forma mais ampla, pois o percentual de respostas positivas é mediano nas duas questões.

No que diz respeito à existência de tratamento diferenciado em relação às mulheres no curso, 87,84% discordaram, e 12,16% consideraram que há. Ao serem indagadas se já identificaram atitudes preconceituosas por parte de professores em relação às mulheres, 87,84% afirmaram que não, e 12,16% que sim. Dentre estas últimas, 88,89% optaram por não relatá-las, enquanto uma (11,11%) afirmou já ter sofrido assédio por parte de um professor, fato que, segundo a estudante, gerou denúncias na Ouvidoria do *Campus*, porém sem efeito.

#### 4 CONCLUSÃO

Puderam-se observar divergências em relação ao significado do termo gênero entre as respondentes, pois apenas 10,81% apresentaram a definição de gênero como convenção social. Apesar de as entrevistadas perceberem uma maior participação feminina no curso, elas não consideram que as questões relacionadas à temática de gênero sejam tratadas de forma abrangente, não sendo abordada a visão da mulher no mercado de trabalho em áreas ligadas à Administração. Ainda foram relatados a existência de atitudes preconceituosas, tratamento diferenciado e até mesmo assédio - o que vem reafirmar as desigualdades difundidas pelo patriarcado arraigado na sociedade. Sobre a existência de disciplinas mais fáceis ou difíceis para homens e mulheres, observou-se que a maioria das alunas não reproduz as relações de gênero vigentes na sociedade. Diante do exposto, é notável a percepção das estudantes do curso de Bacharelado em Administração do IFMG - Campus Bambuí em relação à diferenciação de gênero, mesmo que de forma não



explícita. Portanto, sugere-se uma maior abordagem da temática no curso, visando à formação de profissionais conscientes, flexíveis e preparados para a realidade do mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. E. P. **Gênero e carreiras universitárias: o que mudou?** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 2006, FLORIANÓPOLIS. Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceitos, 2006.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico: Censo da Educação Superior 2015.** Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resumos-tecnicos1>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

MARTINS, S.M.P. Cultura, gênero e educação. **Rev. Educ.**, Brasília, ano 40, n. 154, p. 126-141, jul./dez. 2017.

MENEZES, A. B.; BRITO, R. C. S.; HENRIQUES, A. L. Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.26, n. 2, p. 245-252, Abr-jun 2010.

PEÑALOZA, V.; DIÓGENES, C.G.; SOUSA, S. J. A. Escolha profissional no curso de administração: tendências empreendedoras e gênero. **Revista De Administração Mackenzie**, São Paulo, v.9, n. 8, p. 151-167, nov./dez. 2008.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, vol. 91, nº 5, dez. 1986.